A floresta de Dodona e a estátua de Memnon

Kardec inicia esse artigo contextualizando o leitor no ambiente de uma sala, como em inúmeras outras, onde ocorriam os fenômenos *tiptológicos* tão comuns naquela época. Afastando a possibilidade de fraude, por conhecer o meio em que se encontrava, para procurar hipóteses válidas para a causa desses fenômenos, segue desenrolando uma sequência lógica e racional de ideias, a fim de demonstrar a necessidade de nunca aceitar qualquer ideia, *positiva ou negativa*, de forma cega:

> *Um jovem bacharelando estava em seu quarto, estudando pontos do exame de Retórica, quando bateram à porta. Penso que todos admitem ser possível distinguir a natureza do ruído, e sobretudo na sua repetição, se é causado por um estalo da madeira, pela agitação do vento ou por qualquer outra causa fortuita, ou se é alguém que bate, querendo entrar. Neste último caso o ruído tem um caráter intencional, que não pode ser confundido. É o que pensa o nosso estudante. Entretanto, para não se incomodar inutilmente, quis certificar-se, pondo à prova o visitante. Se for alguém, diz ele, bata uma, duas, três, quatro, cinco, seis vezes; bata no alto, em baixo, à direita ou à esquerda; bata o compasso musical; bata a chamada militar, etc., e a cada um desses pedidos, o ruído obedece com a mais perfeita exatidão. Com certeza, pensa ele, não pode ser o estalo da madeira, nem o vento, nem mesmo um gato, por mais inteligente que seja. Eis um fato. Vejamos a que consequências seremos conduzidos pelos argumentos silogísticos.*
>
> *Assim, ele fez o seguinte raciocínio: Ouço um barulho, logo, é alguma coisa que o produz. Esse barulho obedece às minhas ordens, portanto, a causa que o produz me compreende. Ora, o que compreende tem inteligência, portanto a causa desse barulho é inteligente. Se é inteligente, não é a madeira nem o vento; se, pois, não é a madeira nem o vento, é alguém. Então foi abrir a porta. Vejamos que não é preciso ser doutor para chegar a esta conclusão e julgamos nosso futuro bacharel suficientemente aferrado aos seus princípios para concluir do seguinte modo:*
>
> *Suponhamos que ao abrir a porta ele não encontre ninguém, e que o barulho*

continue exatamente como antes. Ele seguira o seu sorites[1]: "Acabo de provar a mim mesmo, sem contestação, que o barulho é produzido por um ser inteligente, uma vez que responde ao meu pensamento. Ouço sempre esse barulho à minha frente e é certo que não sou eu quem bate, portanto, é um outro. Ora, se esse outro eu não vejo, claro que ele é invisível. Os seres corporais que pertencem à Humanidade são perfeitamente visíveis. Este que bate, sendo invisível, não é um ser humano corpóreo. Ora, desde que chamamos Espíritos os seres incorpóreos, aquele que bate, não sendo corpóreo, é pois um Espírito".

Embora Kardec tenha feito uma simplificação, pois não abordou a necessidade de procurar possíveis causas escondidas, responsáveis pelas "batidas na porta" (o que ele sempre buscava fazer) fica evidente uma linha de pensamentos lógicos bastante clara e simples que, se fosse seguida, faria muitos deixarem de cair em contradições e negações ante àquilo que é tão claro e evidente.

Era dessa forma, quando dos fenômenos de tiptologia, que se obtinham as respostas sobre os questionamentos feitos aos Espíritos: através de pancadas, de forma ou número definidos, indicava-se letras, números, respostas binárias e etc, além de, para uma comunicação mais desenvolvida, muitas vezes indicarem, por um sinal particular, que desejava escrever; "então o médium escrevente tomava o lápis e transmitia seu pensamento por escrito".

Entre os assistentes, não falando dos que estavam em volta da mesa, mas de todas as pessoas que enchiam o salão, havia incrédulos autênticos, meio crentes e crentes fervorosos que, como se sabe, constituem uma mistura pouco favorável. Os primeiros, nós os deixamos à vontade, esperando que a luz se faça para eles. Respeitamos todas as crenças, mesmo a incredulidade, que constitui uma espécie de crença, quando essa se respeita suficientemente para não chocar as opiniões contrárias. Assim, pois, não diremos que suas observações sejam destituídas de utilidade. Seu raciocínio, muito menos prolixo que o do nosso estudante, geralmente pode ser assim resumido: Eu não creio em Espíritos, portanto, não podem ser Espíritos, e como não são Espíritos, é um truque. Tal suposição os leva a admitir que a mesa teria um maquinismo, à maneira de Robert Houdin.

Kardec cita os assistentes, ou testemunhas, destacando aqueles que estavam

convencidos de que tudo era uma farsa, apresentando sua lógica de pensamento. Segue apresentando a resposta:

> *Primeiro, seria preciso que todas as mesas e todos os móveis tivessem maquinismos, uma vez que não os há privilegiados; segundo, não se conhece qualquer mecanismo suficientemente engenhoso para produzir à vontade todos os efeitos que acabamos de descrever; em terceiro lugar, seria necessário que a Sra. B… tivesse preparado propositalmente paredes e portas de seu apartamento, o que é pouco provável; em quarto lugar, enfim, teria sido necessário preparar ainda as mesas, as portas, as paredes de todas as casas onde semelhantes fenômenos se produzem diariamente, o que também não é de presumir-se, porque então seria conhecido o hábil construtor de tantas maravilhas.*

Vê-se que esses não querem tomar o caminho do bacharelando e, de antemão, já se decidiram por desacreditar.

Temos, também os “meio-crentes”, aos quais Kardec recomenda que voltem aos argumentos do futuro bacharel.

E, dentre os crentes, há ainda três nuances, outros três tipos de crentes: os curiosos, que não tiram proveito moral dos fenômenos em questão; os instruídos e sérios, que o fazem; e os crentes de fé cega, que creem na mesa como creriam num **oráculo** (sacerdote encarregado da consulta à divindade e transmissão de suas respostas), sem refletir sobre suas respostas, aceitando-as sem submetê-las ao crivo da razão e da concordância.

Finalizando o artigo, Kardec volta vinte e cinco séculos no passado, na floresta sagrada existente no Épiro (Grécia), onde os carvalhos preferiam oráculos e onde, acrescentando-se “o prestígio do culto e a pompa religiosa”, facilmente se entende a veneração de um povo ignorante e crédulo. O sibilar do vento entre as folhas, os sons emitidos pelas estátuas e outros fenômenos, quando verdadeiros, eram os primórdios das comunicações espíritas que, contudo, eram tomadas como verdade absolutas e seguidas cegamente.

---

1. Lógica ou raciocínio composto de uma série de proposições ligadas entre

si de maneira que o predicado de uma torna-se o sujeito da seguinte, e assim até a conclusão, que tem como sujeito o sujeito da primeira e como predicado o predicado da última proposição anterior à conclusão.